

O uso de Ipod e a Saúde Auditiva de estudantes universitários

Vera Cecilia Gelardi*

Ana Claudia Fiorini**

Danhauer, J.L.; Johnson, C.E. Survey et al. of college students on iPod use and hearing health. *J Am Acad Audiol*, 2009 jan; 20(5):5-27.

Nos últimos anos é crescente a preocupação dos profissionais de saúde com a exposição a elevados níveis de pressão sonora nas atividades de lazer de crianças, jovens e adultos. É muito frequente a presença do popularmente conhecido “*som alto*” em muitas das atividades, tais como: parques de diversão, cinemas, baladas, *shows*, festas e outros. Dessa forma, o risco de efeitos na saúde passou a ser objeto de diversas investigações científicas.

Desde a década de 90, os estudos se voltaram para o risco da perda auditiva resultante do uso de dispositivos portáteis de música (DPM). A inovação tecnológica do início desse século resultou em DPM menores, de fácil transporte e manuseio e com capacidade de memória que permite o armazenamento de muitas músicas, possibilitando aos usuários ouvi-las de maneira ininterrupta e em níveis que podem levar ao desencadeamento de alterações auditivas.

A partir dessa perspectiva, torna-se importante apresentar a resenha deste artigo que teve como objetivo investigar o conhecimento de universitários sobre saúde auditiva e as práticas e preferências com relação ao uso dos DPM, especificamente o *iPod*, da marca *Apple*. O estudo foi realizado por audiologistas e professores da Universidade da Califórnia nos Estados Unidos da América (EUA).

Os autores realizaram um estudo transversal em 40 universidades dos 48 estados do território

dos Estados Unidos da América (EUA), e para tal utilizaram um questionário em versões *online* e impresso. O instrumento utilizado para coleta dos dados foi o “Dispositivos Portáteis de Música e Audição” (*Personal Listening and Hearing-PLDHQ*), composto por 83 questões, elaborado a partir de consulta a profissionais da área de audição e linguagem, além de estudantes universitários. Um total de 609 universitários respondeu ao questionário de maneira correta entre as versões *online* (322) e impressas (287).

Os autores encontraram os seguintes resultados a serem destacados:

- A maioria dos universitários (66,2%) utilizava frequentemente o DPM *iPod* o que justificou o objetivo da pesquisa.

- Dos pesquisados, 82% tem conhecimento que a perda auditiva induzida por níveis de pressão sonora elevados pode ser evitada.

- Quanto aos sintomas e sinais precoces de perda auditiva, 15,2% relataram nunca ter zumbido, 59,1% raramente e 23,3% algumas vezes. Além disso, 25% não tinham conhecimento de que o zumbido pode ser um sinal de alerta precoce para a exposição a níveis de pressão sonora elevados.

- Em relação a conhecimento ou a preocupação com a possibilidade do uso de *Ipod* causar perda auditiva, a maioria (82,8%) demonstrou não ter tal preocupação.

* Fonoaudióloga. Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** Fonoaudióloga. Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

- Dos entrevistados, 12% disseram ter dificuldade para ouvir, 25% não tinham certeza e 6% atribuíam essa dificuldade ao uso do *Ipod*. Segundo os autores, os dados são consistentes porque a maioria dos respondentes apresentava comportamento seguro em relação ao uso de *Ipod*, pois usavam a 70% do volume máximo por 4 a 6 h/dia.

- Dos universitários usuários de *Ipod*, 93% dos alunos relataram ouvir em volume 8 ou superior. Desses, 56 (60,2%) disseram definir o volume mais elevado para suas músicas favoritas. Além disso, 80 (86,0%) o fizeram na presença de ruído de fundo e 71 (76,3%) quando realizavam exercícios físicos.

- Quanto ao tempo, 26 (27,9%) disseram ouvir seu *iPod* 3 horas ou mais por dia. Os autores observam que esse, provavelmente, é o grupo em maior risco de adquirir perda auditiva e outros danos e – também – o que mais se beneficiaria com programas educativos adequados a eles.

- Sobre as questões relacionadas à divulgação dos riscos da perda de audição, os universitários seguiriam conselhos para cuidar de sua audição sendo provenientes de médicos especialistas (19,5%), fonoaudiólogos (16,4%) ou fabricantes (12%).

Com base nos resultados, os autores concluíram que a maioria dos estudantes universitários utiliza seus DPM de maneira consciente, o que representa um risco para a aquisição da perda auditiva. A análise deste artigo mostra que os jovens universitários estariam abertos a aceitar orientações quanto ao uso correto de uso de DPM, por meio de mensagens apropriadas vindas de uma equipe multidisciplinar. Tal fato é de suma importância, não apenas em relação às possíveis alterações auditivas, como, também, pelos efeitos não auditivos provocados por exposição a níveis de pressão sonora elevada, principalmente a

concentração e atenção, o que coloca em risco os usuários de DPM e as pessoas ao seu redor. Os efeitos não auditivos da exposição a níveis de pressão sonora elevada é uma preocupação crescente da comunidade científica.

Recomenda-se o artigo além desta reflexão: como se dará o acesso ao mercado de trabalho desses jovens, daqui a alguns anos, caso sejam portadores de perdas auditivas?

A perda auditiva não é incapacitante ao trabalho, porém, em atividades laborais que exigem comunicação sem interferências ser portador de uma perda de audição pode significar uma barreira para esses jovens.

Para exemplificar, no Brasil, o primeiro emprego de muitos jovens acontece no ramo econômico de tele-serviços, o que implica em ouvir o cliente e compreender o que ele fala.

Mesmo uma alteração em frequências altas que não causa impacto significativo na inteligibilidade da fala pode inabilitar esses jovens a trabalhar nesse segmento e gerar um problema social.

Recebido em outubro/12;

Aprovado em março/13

Endereço para correspondência

Vera Cecilia Gelardi

Rua Tito, 88-apto 123

São Paulo-SP-CEP 05051-00

Fone: (11) 3864-7387

E mail: veragelardi@ieaa.com.br